

MEGALE, A. (org.). **Educação Bilíngue no Brasil**. São Paulo: Fundação Santillana, 2019. v.I. 135p.

ANÁLISE CRÍTICA: EDUCAÇÃO BILÍNGUE NO BRASIL

Lucas Amâncio Mateus¹

A obra sob a organização de Antonieta Megale conta com a contribuição de importantes nomes da área - educadores e pesquisadores brasileiros - contribuindo com a reflexão sobre a Educação Bilíngue no Brasil, a partir de uma análise do cenário mundial, que enfoca o hemisfério sul, buscando uma efetivação de programas para a Educação Bilíngue de seus países. Destaca-se na obra o impasse de ideias e prioridades entre os países do hemisfério norte e sul, levando em conta a ignorância sobre o bilingüismo, que culminou em escolas mal geridas no sul.

A obra objetiva-se a traçar um plano que vislumbre a efetivação bilíngue, de maneira a alcançar uma educação justa e igualitária e, embora tal anseio já nos pareça utópico, não deixa de considerar a realidade do Brasil e tratar de seus desafios.

No capítulo 1, Antonieta Megale reflete sobre os conceitos de bilingüismo e de sujeito bilíngue com base em pesquisas atualizadas para definir o que seria sujeito bilíngue e baseia-se nos conceitos de Bloomfield (1935), um dos primeiros estudiosos que busca trabalhar essa questão, confirmando a noção que permanece no senso comum. Essa noção definiu sujeito bilíngue como aquele que teria um controle de duas línguas similares ao que teriam os seus falantes nativos. Definições comparáveis a essa têm sido criticadas por inúmeros pesquisadores, ressaltando o fato de o parâmetro ser uma visão imaginada de falantes nativos.

Diante do nítido crescimento da Educação bilíngue no Brasil, torna-se imprescindível a reflexão sobre a prática da educação bilíngue, trazendo sentido ao cotidiano e sugerindo um plano de ação que confronte a pesquisa com a realidade vivenciada, refletindo sobre a linha tênue entre as teorias e as práticas reais de professores e alunos. Estabelece-se o conceito de que a Educação Bilíngue diferencia o seu foco, atuando de maneira diferente de acordo com o público, ou seja, há

¹ Mestrando em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia. Graduado em Administração pela mesma universidade e Licenciado em Letras Português/Inglês pela Universidade de Franca. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0101102792314230>. E-mail: lucasamanciomateus@gmail.com.

um domínio voltado às classes dominantes e outro às classes minoritárias. Denota-se, para o primeiro grupo, um crescente surgimento de escolas ditas bilíngues, com o objetivo de alcançar a população de alta renda. Diante disso, aumenta-se a necessidade de discussões sobre a temática, tendo em vista a ausência de um padrão normativo amplamente discutido para essa atuação que segue a crescer desordenadamente.

Baseando-se em diversos autores, a autora da obra discute sobre os possíveis conceitos de bilinguismo e sua aplicabilidade diante dos sujeitos bilíngues, em que se observa uma gama de fatores a serem analisados, como por exemplo, a identidade cultural absorvida pelo bilíngue, culminando tal pensamento na noção de que não existem “bilíngues perfeitos” – no sentido de apropriação total das duas línguas – e levando em conta que um idioma sempre será melhor associado e praticado devido às vivências e características sociais e culturais.

O diálogo entre duas culturas é o conceito-chave para entender o processo da Educação Bilíngue, considerando que esse não se limita apenas ao estudo de uma língua ensinada como matéria dentro da escola, mas eleva-se ao nível em que se preza pela valorização da translinguagem, desenvolvendo as duas línguas de forma multidimensional no processo de construção do sujeito bilíngue.

Focando na realidade brasileira, vê-se o inglês como o maior foco da educação bilíngue, em detrimento principalmente da própria variedade de língua dentro do território, como a indígena e língua de surdos, por exemplo, as quais – mesmo amparadas por lei e tendo uma grande parcela da população do país, não são relevantes por não serem atrativas cultural e financeiramente.

Nesse contexto, cresce o número de escolas com a definição de bilíngues, sejam em ensino nas duas línguas ou em propostas de apropriação, onde, no entanto, não há uma regulamentação do que é ou não o esperado na produção do ensino, questão ainda confusa no que diz respeito ao estabelecimento de leis para controlar esse processo.

Nesse viés documental, o capítulo 2 – de autoria de Fernanda Coelho Liberali, traz importantes reflexões sobre o estabelecimento desse tipo de educação no Brasil e o conteúdo trazido pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) a esse respeito, documento que prioriza a ideia de um ensino multidisciplinar, contextualizado, baseando-se nos campos de atuação a fim de promover efetiva participação na sociedade.

O objetivo da Educação Bilíngue, em consonância com as propostas da BNCC, na prática, acaba por bater de frente com a busca das escolas que trabalham objetivando resultados

preestabelecidos de eficiência, com base na mercantilização e competição vivenciada no contexto globalizado. Por essa razão é que se faz necessária uma Educação Bilíngue com foco na justiça social, na qual o currículo escolar tenha como principal objetivo a valorização das diversidades sociais e culturais que permeiam a sociedade.

Diante desse contexto, acentua-se a necessidade de uma ampliação de discussão sobre as metodologias para o ensino bilíngue, que é tratado no capítulo 3 por Renata Condi de Souza, em que são introduzidas as metodologias de aprendizado integrado entre língua e conteúdo (*Content and Language Integrated Learning*, CLIL) e ensino referente ao conteúdo (*Content-Based Instruction*, CBI), suas origens, premissas e aplicações em contextos de Educação Bilíngue. A implementação dessas metodologias no ensino bilíngue pode ser compreendida e efetivada em diferentes contextos, com o objetivo de agrupar práticas, princípios e crenças através de um procedimento que compreenda a visão de que a sociedade ou a comunidade escolar exerce sobre as línguas envolvidas neste processo.

Essas metodologias possibilitam o desenvolvimento de um ensino com foco em contextualização e autenticidade, e para que se definam no modo de trabalho é necessária uma análise particular da realidade da comunidade, das necessidades, dificuldades, costumes e conceitos para, assim, aplicá-las de maneira efetiva.

No capítulo 4, Marcello Marcelino descreve o desenvolvimento linguístico de crianças bilíngues e assinala a importância de um programa de desenvolvimento que seja enriquecedor em *input* variado e em registro e informação, com valor comunicativo e papel social escolar. Tratando-se do ensino bilíngue na educação infantil, há muitos fatores que precisam ser ponderados, levando em conta que esse é um período de aquisição da linguagem, no qual a criança está aprendendo sobre o mundo ao seu redor e, conseqüentemente, a oralidade do contexto em que se insere. Nesse aspecto, uma Educação Bilíngue iniciada na infância precisa considerar a abordagem que torne esse processo válido e possa desenvolver de maneira satisfatória a aquisição das duas línguas envolvidas no processo.

Limitando-se ao contexto de imersão total, a obra demonstra que no contexto bilíngue a aquisição das línguas pela criança pode denotar efeitos a serem considerados como, por exemplo, a variação decorrente das diversas experiências individuais dos aprendizes, culminando em diferentes maneiras de apreensão da língua, seja na proficiência linguística ou na competência nativa.

No capítulo 5, Megale esclarece o leitor sobre a Educação Bilíngue. O que é e o que pretende este livro, defendendo uma formação multi/intercultural, e argumenta a favor de uma Educação que tenha em seu cerne o propósito de gerar transformações sociais para a constituição de uma sociedade mais equânime e justa. A fim de que se possa falar sobre o conceito de Educação Bilíngue, a autora recorre à Hamers e Blanc (2000, p. 189), que caracterizam a Educação Bilíngue como “qualquer sistema de educação escolar no qual, em dado momento e período, simultânea ou consecutivamente, a instrução é planejada e ministrada em pelo menos duas línguas”.

Nesse caso, torna-se importante que se observe sobre um conceito mais desmistificado aquilo que se busca ressaltar porquanto que, dessa perspectiva, não se compreendam como Educação Bilíngue tais programas cuja língua adicional é ensinada para as pessoas como matéria e não utilizada para um objetivo meramente acadêmico. Isso quer dizer que a educação Bilíngue pode ser usada para a edificação de conhecimentos em áreas diversas. Essa barreira reflete o preconceito vigente no que se refere a educar de modo bilíngue.

O conceito de multicultural ganha grande espaço de análise e discussão, haja vista muitas escolas apropriarem-se inadequadamente do termo, considerando a máxima de que a escolarização por meio de duas línguas não garante – por si só - uma formação multicultural.

Ao se tratar de conceito multicultural, depara-se com as múltiplas definições adotadas sobre cultura, em variados contextos e com diferentes propósitos. Em se tratando de Educação Bilíngue, a multicultural é frequentemente abordada no sentido de absorção dos traços das línguas estudadas, abordando a cultura inglesa e brasileira, por exemplo e, por isso, denominando-se multicultural. A autora aponta tal definição como inadequada, buscando desconstruir a ideia do que se adota como multicultural, relacionando aos conceitos de intercultural e a polissemia do multiculturalismo. Nesse âmbito, discute-se a aplicabilidade com base na formação do sujeito e seus verdadeiros propósitos sobre o ensino com foco multicultural.

No capítulo 6, Camila Dias fala sobre os processos de desenvolvimento da leitura e escrita em contextos multi/bilíngues para que as escolhas relativas a essa temática sejam orientadas e elaboradas através de construtos teórico-práticos da área e não de lendas relacionadas à Educação Bilíngue.

Refletir sobre Educação Bilíngue leva inevitavelmente a analisar os contextos de alfabetização e letramento. Um importante questionamento dentro de um contexto de ensino multilíngue consiste em como inserir essa realidade dentro da leitura e escrita, sabendo-se que

esse processo é bem mais profundo e complexo do que simplesmente o conhecimento de um código, mas engloba todo um processo de conhecimento – analítico e sintético – sobre a língua, ou línguas.

No capítulo 7, Paola Guimaraens Salimen debate a forma de interação nas classes bilíngues, preocupando-se com a estrutura de participação recorrente nas salas de aula tradicionais – a sequência interacional Iniciação-Resposta-Avaliação (IRA).

No capítulo 8, Maria Teresa Aranda reflete sobre o que é avaliação formativa e o que as pesquisas revelam a respeito de seu impacto na aprendizagem. A autora ainda discute o dilema de que o binômio língua-conteúdo está relacionado com o docente e distingue algumas escolhas admissíveis a fim de que se possa pensar sobre o objetivo do *feedback* no diálogo entre aprendizagem, ensino e avaliação.

Ao longo desse texto, foram observados os conceitos de bilinguismo, sujeito bilíngue e Educação Bilíngue. Além disso, esses conceitos apresentam graves problemas como aquele que, por causa da amplitude de suas definições, escolhas equivocadas têm sido causadas por determinado fenômeno, e os seus efeitos são abandonados ou não levados em consideração. Atualmente, compreende-se que a Educação Bilíngue e, ao mesmo tempo, o bilinguismo, tornaram-se um enorme desafio, já que são assuntos novos e com pouco debate entre professores e alunos.

Não se pode imaginar, na educação, ao que diz respeito à língua materna, o trabalho inseparável da linguística e da educação. Chomsky (1982) segue sua resposta afirmando que as pessoas têm de estar motivadas para aprender porque, caso contrário, não há modelo de ensino que resolva os problemas. Neste caso, para que haja uma Educação Bilíngue com a ajuda da linguística de Chomsky, é necessária uma abertura maior dos estudos de Bilinguismo e aceitar e entender o sujeito bilíngue para que haja uma educação bilíngue de qualidade

Em busca de um respaldo mais científico relacionado ao desenvolvimento do bilinguismo, sobre suas possibilidades de formação de sujeitos, e também sobre as condições sociais, econômicas, históricas e psicológicas que envolvem a questão, faz-se necessário o desenvolvimento de mais conteúdo específico e que sirva para nortear essa implementação.

Isso pode ser justificado por meio de uma variedade de escolhas que irão surgir. Muitas delas já são existentes, com os seus aceitáveis desenvolvimentos da linguagem para se ensinar

línguas. Sendo assim, recomenda-se a leitura da obra de Chomsky, *Knowledge of language: its nature, origin and use* (1982).

A obra como um todo e seus aprofundamentos, conduzem a importantes reflexões acerca da consolidação de uma visão mais ampla e aprofundada sobre as reais necessidades para se estabelecer de forma plena uma Educação Bilíngue no contexto brasileiro. É de suma importância constatar que o bilinguismo é um processo contínuo e cheio de desdobramentos – sociais, culturais, metodológicos – e precisa ser analisado de forma individualizada, considerando o contexto real de cada instituição, comunidade escolar ou grupo social.

REFERÊNCIAS

BLOOMFIELD, L. Linguistic aspects of science. *Philosophy of Science*, v. 2, n. 2, p. 499-517, 1935.

CHOMSKY. *Knowledge of language: its nature, origins, and use*. Nova York: Praeger, 1982.

HAMERS, J.; BLANC, M. *Bilinguality and bilingualism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.